

O PACOTE ENGANOSO DE WASHINGTON: O INDISPENSÁVEL FAROL | POR RAINER RUPP

Posted on 9. November 2020

Um comentário de Rainer Rupp.

"O fim do mundo ocidental como o conhecemos", receia Jorge Hernández no seu artigo publicado a 24 de Outubro de 2020 na revista política norte-americana "National Interest". Pois o caos nos EUA, que tinha inchado no período que antecedeu as eleições presidenciais, só se agravaria após as eleições. Esta é uma avaliação que o autor destas linhas partilha plenamente, embora veja as causas deste desenvolvimento noutros locais.

Após a morte do criminoso negro drogado George Floyd, cuja detenção na rua foi seguida de um polícia branco ajoelhado no pescoço durante minutos para quebrar a sua resistência, uma violência alegadamente "anti-racista" explodiu a nível nacional nos EUA contra a maioria branca carregada com a culpa herdada da escravatura. Desde então, sob a impressão de Black Lives Matter (BLM), a imagem da América como uma nação irrevogavelmente racista afirmou-se novamente a nível mundial. E os propagandistas americanos estão mais preocupados do que nunca com a missão dos Estados Unidos de serem o farol global indispensável do Ocidente para a liberdade, democracia e igualdade; um pacote que já ninguém quer comprar, excepto as elites transatlânticas dos Estados vassalos americanos, como a Alemanha, porque as suas carreiras e prosperidade dependem da manutenção deste conto de fadas de propaganda.

O livro recentemente publicado por Michael Kimmages sobre este assunto nos EUA, intitulado "The Abandonment of the West: The History of an Idea in American Foreign Policy" (O Abandono do Ocidente: A História de uma Ideia na Política Externa Americana), também fornece uma sólida visão geral da erosão das reivindicações ideológicas e morais na política externa americana que levaram ao actual declínio e queda do Ocidente.

Este declínio do prestígio dos EUA no mundo é testemunhado, por exemplo, pelo facto de no início de Junho deste ano, simultaneamente, uma multidão furiosa de pessoas queimar bandeiras dos EUA no distrito governamental de Seattle, a capital do estado americano de Washington na costa norte do Pacífico, até Atenas, Roma, Paris, Londres e outras capitais do chamado Ocidente político. Na realidade, porém, a raiva anti-americana - o ódio pelo sistema de governo americano e tudo o que ele representa - é muito mais forte

dentro dos Estados Unidos do que no Ocidente. Isto aplica-se não só aos activistas agora altamente radicalizados e cada vez mais influentes de movimentos como a Black Lives Matter (BLM), "Antifa" e LGBTQ, mas também - embora com presságios políticos invertidos - ao movimento de massas dos apoiantes do Trump.

Os trombistas vêem o aparelho governamental em Washington e as autoridades a ele ligadas como nada mais do que um atoleiro em que os monstros chafurdam como porcos e só prosseguem uma ocupação, nomeadamente para se enriquecerem à custa das pessoas pequenas. Trump, por outro lado, tinha jurado drenar este pântano em Washington e trazer empregos de volta para a América. Os seus seguidores, aos quais pertencem entretanto bastantes afro e latino-americanos, veneram-no como o novo salvador. Desde Ronald Reagan, nenhum presidente republicano tem atraído multidões tão grandes nas reuniões eleitorais como Trump.

De facto, a política anti-globalização de Trump em casa criou um verdadeiro milagre de emprego, embora os seus oponentes tivessem pensado que era absolutamente impossível. Mas o atoleiro em Washington falhou até agora. Os seus apoiantes também votaram a seu favor porque esperavam que ele fosse mais capaz de prevalecer contra o pântano num segundo mandato.

Ao mesmo tempo, há uma verdadeira guerra cultural em curso nos EUA. Como expoentes desta guerra cultural, por um lado, existem grupos militantes compostos por membros dos movimentos BLM, antifa e LGBTQ, que obtêm o seu apoio político principalmente dos Democratas, principalmente porque são contra o Trump. A maior parte da violência que tem sido ouvida e vista quase diariamente nos EUA nos últimos seis meses tem vindo deles: saques em massa de lojas e supermercados, queima de ruas inteiras em grandes cidades, tiroteios e assassinatos.

Em várias cidades governadas pelo Partido Democrático, os presidentes de câmara até cumpriram as exigências do BLM e das tropas de Antifá-Chaot de banir a polícia das ruas ou de retirar fundos às forças da lei e da ordem, o que causou grande indignação nos eleitores republicanos do país.

Do lado republicano, as milícias organizadas nacionalmente, conservadoras e de direita, armadas até aos

dentes, enfrentam as auto-intituladas tropas caóticas e anarquistas de "esquerda". Até agora, no entanto, as milícias concentraram-se principalmente na protecção dos eventos eleitorais republicanos. Felizmente, foram evitados até à data confrontos maiores entre eles e não menos armados, tropas da tempestade BLM, constituídas principalmente por antigos soldados americanos.

Resumindo, nesta situação aquecida há muitos barris de pólvora em ambos os lados e está a ser utilizado fogo aberto em toda a volta. O resultado pouco claro das eleições presidenciais, as insinuações feitas contra Trump de que ele não é democrata porque não quer reconhecer a sua derrota eleitoral, e as acusações dos republicanos de que os democratas tentaram roubar a vitória de Trump através de fraude eleitoral apenas tornam a situação ainda mais explosiva.

Tudo o que resta do indispensável farol da liberdade e democracia dos EUA e da igualdade é um amontoado de escombros. Um amontoado de escombros de outrora grandeza num país degenerou numa república das bananas. Independentemente de quem acabará por se tornar presidente, os EUA estão tão profundamente divididos ideológica e socialmente que só um milagre político poderia restaurar um terreno comum para um sentimento de unidade nacional. Tendo em conta as profundas distorções económicas na economia do país, que só se agravaram desde a última crise de 2007/2008, e tendo em conta a devastação económica causada pelas medidas de controlo Covid-19, o regresso a uma prosperidade modesta continuará a ser um sonho inatingível para as massas de pessoas nos EUA.

Ao mesmo tempo, dificilmente será possível voltar a colocar as bebidas espirituosas reforçadas de BLM, Antifa e LGBTQ na garrafa. Também não é de esperar que sob um presidente Biden os apoiantes do Trump se calem e se tornem novamente boas ovelhas. Também continuarão convencidos de que Biden só chegou ao poder através de fraude eleitoral e continuarão a rejeitar e possivelmente até a combater activamente o pântano em Washington. Assim, os Republicanos no Congresso serão forçados a confrontar os Democratas sob pressão dos seus eleitores. Inversamente, Trump, num segundo mandato, teria também de lidar com a continuação da oposição fundamental dos Democratas.

Tudo isto significa que a administração dos EUA ficará em grande parte paralisada e preocupada consigo

própria durante mais quatro anos. No entanto, segundo o autor destas linhas, o perigo é muito maior entre os democratas sob um Presidente Biden do que entre Trump que os governantes de Washington poderiam usar novas crises e guerras de política externa para distrair das disputas políticas internas e da miséria social em casa.

+++

Obrigado ao autor pelo direito de publicar o artigo.

+++

Fonte da imagem: [*Stephanie Kenner*](#) / shutterstock

+++

KenFM esforça-se por um amplo espectro de opiniões. Os artigos de opinião e as contribuições dos convidados não têm de reflectir a opinião do pessoal editorial.

+++

Gosta do nosso programa? Informação sobre outras possibilidades de apoio aqui:

<https://kenfm.de/support/kenfm-unterstuetzen/>

+++

Agora também nos pode apoiar com as Bitcoins.



BitCoin endereço: 18FpEnH1Dh83GXXGpRNqSoW5TL1z1PZgZK